

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL - PET: POR UMA JUVENTUDE PROTAGONISTA

Darci Secchi¹

1. Apresentação

Todo texto é dirigido a leitores presumidos. Este, foi escrito aos estudantes de Pedagogia interessados em conhecer os discursos e o percurso construído por tutores e acadêmicos petianos ao longo dos últimos anos. Tem presente também outros leitores que acessarão o portal da revista PET-Educação em busca de informações atualizadas no campo das Ciências Humanas.

O artigo está organizado em três partes. No primeiro tópico, faço uma breve apresentação do Programa PET e, em seguida, trato dos diferentes *lugares* por ele ocupados no âmbito das políticas educacionais nos últimos anos. Será gratificante perceber o caminho percorrido até aqui, os avanços e os desafios com vistas à construção de um Programa protagonista no âmbito dos cursos de graduação.

No segundo momento, procuro identificar as diferentes formas com que os tutores percebem o seu vínculo com os respectivos grupos, com a sua instituição e com a coordenação nacional do Programa. O argumento principal será o de que as diferentes concepções de tutoria atualmente vigentes poderão convergir para a construção de um Programa ainda mais consistente e consolidado.

Na última parte do texto apresento, de forma sucinta, algumas *lições aprendidas* com o Grupo PET-Educação da UFMT ao longo dos últimos anos. Serão consideradas as principais estratégias de ação adotadas com o intuito de superar as limitações e contribuir para a melhoria dos cursos de graduação e do desempenho individual dos membros do Programa.

Ao iniciar essa reflexão, quero agradecer a todos os egressos e atuais bolsistas que contribuíram para a consolidação do Grupo PET-Educação da UFMT e, em especial, aos que apostaram na construção desse espaço de reflexão e divulgação da produção acadêmica de estudantes e professores do Instituto de Educação.

Muito obrigado a todos e todas.

¹ Darci Secchi, professor Associado III do Instituto de Educação/ Universidade Federal de Mato Grosso (Cuiabá MT); mestre em Educação/Políticas Públicas pela UFMT e doutor em Ciência Sociais/Antropologia pela PUC-SP. Tutor do Grupo PET-Educação desde junho de 2002.

1. O Programa de Educação Tutorial – PET

1.1 Breve histórico

O Programa de Educação Tutorial (PET) é uma iniciativa do governo federal de estímulo a atividades de pesquisa-ensino-extensão universitárias, no nível de graduação. Atualmente, o programa está vinculado à Secretaria de Ensino Superior (SESu/MEC e é financiado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE e pela SESu/MEC.

O PET foi criado em 1979, no governo do general Figueiredo, com o nome de **Programa Especial de Treinamento**. Tinha características similares aos programas de apoio à pesquisa na graduação desenvolvidos pelo CNPq. Até o ano de 1999 o PET esteve vinculado à CAPES/CNPq, passando depois para a SESu, no Ministério da Educação. Entre 1995 e 2003, o governo tentou, por diversas vezes, extinguir o Programa, sob a alegação de que era *oneroso e elitista*, mas esbarrou em forte oposição da comunidade acadêmica. A partir de 2004 o PET fortaleceu-se, foi instituído em lei federal e passou a integrar as políticas públicas do MEC com a denominação de **Programa de Educação Tutorial**.

O objetivo geral do PET é “promover a formação ampla e de qualidade acadêmica dos alunos de graduação envolvidos direta ou indiretamente com o programa, estimulando a fixação de valores que reforcem a cidadania e a consciência social de todos os participantes e a melhoria dos cursos de graduação” (Manual, p.06).

O PET oferece uma bolsa mensal equivalente à bolsa de iniciação científica para graduandos (atualmente R\$ 400,00) e os grupos são formados por até 12 estudantes selecionados em cursos universitários autorizados. Para criar um grupo PET, é necessário que as universidades interessadas encaminhem um Projeto ao MEC, seguindo os critérios estabelecidos em cada Edital. Os grupos existentes nas instituições se reúnem regularmente sob a orientação de um professor responsável, denominado Tutor, que coordena todas as atividades planejadas anualmente. Os seus membros, denominados "petianos", desenvolvem atividades curriculares e extracurriculares, além de projetos de pesquisas e de extensão. Dessa forma, o PET funciona não apenas como um programa de preparação para a carreira acadêmica, mas enseja também uma formação profissional holística e cidadã.

Atualmente existem os seguintes Grupos PET em funcionamento na UFMT.

| Nome | Tipo | Tutor | Campus |
|--------------------------------------|--------------|---------------------------------|----------------|
| Diálogo com a Comunidade | PET Conexões | Laura de Carvalho | CURondonópolis |
| Diferentes Saberes e Fazeres na UFMT | PET Conexões | Cassia Fabiane dos Santos Souza | Cuiabá |
| Educação | PET | Darci Secchi | Cuiabá |
| Educação Física | PET | Waleria Christiane Resende Fett | Cuiabá |

| | | | |
|--------------------------------------|--------------|--|----------------|
| Engenharia Elétrica | PET | Walkyria Krysthie Arruda Gonçalves Martins | Cuiabá |
| Engenharia Florestal | PET | Otavio Peres Filho | Cuiabá |
| Geografia | PET | Rodrigo Marques | Cuiabá |
| Geologia | PET | Gislaine Amores Battilani | Cuiabá |
| Educação Interdisciplinar | PET | Eglen Silva Pipi Rodrigues | CURondonópolis |
| Inclusão, Diversidade e Protagonismo | PET Conexões | Mirian Toshiko Sewo | Cuiabá |
| Indígena | PET Conexões | Carmem Lúcia da Silva | Cuiabá |
| Matemática | PET | Wanderleya Nara Gonçalves Costa | CUAraguaia |
| Medicina | PET | Alexandre Paula Machado | Cuiabá |
| Universidade, Saúde e Cidadania | PET Conexões | Rosa Lucia Rocha Ribeiro | Cuiabá |

Fonte: SESu/MEC (2014).

O nosso Grupo PET denomina-se PET-Educação e foi criado no Instituto de Educação em 1989 pelo professor Tarso Mazotti. No entanto, foi a professora Maria Benício Rodrigues que o consolidou ao longo de dez anos de tutoria. Posteriormente, a professora Sandra Vinagre assumiu o Grupo até o ano de 2002, quando foi substituída pelo professor Darci Secchi que o acompanha até os dias atuais.

1.2. O lugar do PET no âmbito das políticas educacionais

As políticas públicas mudaram de lugar, enfatizou o professor Octávio Ianni ao discorrer sobre as mudanças verificadas nas relações e entre o estado e os cidadãos nas últimas décadas². Parafrazeando Ianni, podemos sugerir aqui que, também o *MEC*, vem mudando de lugar nos últimos anos, especialmente por implementar diversos programas de apoio estudantil (bolsas, vagas, quotas e outras iniciativas congêneres).

No que trata especificamente do Programa de Educação Tutorial, essas mudanças estão acontecendo por caminhos tortuosos: já passamos por uma tentativa de *exclusão* do Programa, por uma atitude de *inclusão tolerada* e, mais recentemente, por acenos de *apoio e solidariedade*. Esses diferentes modos de perceber o PET serviram para consolidar o Programa e agregar argumentos para o seu aprimoramento e continuidade.

² IANNI, Octavio. In *Novos paradigmas das ciências sociais*. S. Paulo: Revista de Estudos Avançados, 8, 1994.

Essas mudanças de atitude em relação ao PET podem ser vinculadas também aos propósitos de caráter mais gerais do governo federal no sentido de ampliar as denominadas *políticas compensatórias* e *ações solidárias* dirigidas a diversos segmentos sociais em áreas como a educação, saúde, nutrição e assistência técnica, dentre outras.

Sob essa perspectiva, a “reabilitação” do Programa se insere no conjunto de argumentos e práticas solidárias do Estado para com os pobres, negros, índios e *estudantes devotados* (sic) e expressam a sua “boa vontade” em lhes conceder bolsas, cotas, cestas, vagas, vales, além de uma parcela periférica do ‘prestígio universitário’.

As atuais diretrizes gerais do Programa continuam sendo definidas pelo poder público e contam apenas “com a participação” dos tutores e estudantes. O funcionamento dessa arquitetura supõe a criação de diversas “instâncias de deliberação colegiadas” tais como as Comissões, Comitês, Conselhos e Grupos de Trabalho, vale dizer, a presença dos membros do PET, porém, é preciso avançar mais! O caminho percorrido até aqui indica o desejo e a possibilidade de aperfeiçoar essa relação e de estabelecer um diálogo qualificado entre todos os atores envolvidos (MEC representação de tutores, estudantes, instituições etc.).

Essa nova atitude que se projeta para o futuro funda-se no entendimento que todos os segmentos que compõem o PET são atores sociais legítimos e, portanto, devem participar de todos os âmbitos do Programa, desde a sua concepção até a avaliação dos resultados e a replicação das ações exemplares ou inovadoras. Todos os segmentos são propositores de políticas que se estabelecerão por consenso ou por maioria. Trata-se de uma relação de poder mediada por atitudes de respeito, democracia, legitimidade e reconhecimento recíproco dos seus membros e do poder público. Por isso, em um âmbito mais geral, busca a superação do estrelato e do culto ao passado e exige uma atitude de abertura para novos atores, novos propósitos, novos desafios. (As lutas memoráveis do passado devem iluminar - e não determinar - a trajetória a ser seguida. Elas são o seu alicerce e não o seu cume).

Num âmbito mais restrito, os Grupos PET que se pretendam *protagonistas* devem superar o antigo discurso que restringe a ação a uma suposta “*tríade acadêmica expressa pela relação indissociável entre ensino, pesquisa e extensão...*”. Esse enunciado consiste na expressão bem elaborada de um ideal apenas imaginado. Uma tríade acadêmica etérea só nos deixa mais gasosos. É preciso dar-lhe materialidade, consistência, adicionar ingredientes extraídos da realidade social. Um PET-Cidadão deve ter atitudes e práticas democráticas; precisa ser gestor do seu tempo e do seu espaço; ser líder, articulado, propositivo. Enfim, deve ser protagonista, isso é, um ator principal que atua com outros atores principais em todos os cenários da vida acadêmica contemporânea.

2. Tutoria: um conceito sem consenso?

O propósito deste tópico é discutir as diferentes percepções dos tutores acerca da *natureza* do vínculo que mantêm com os respectivos Grupos e com o Programa.

Trata-se, obviamente, de uma abordagem preliminar e que não se pretende completa nem, tampouco, indicativa de um suposto “perfil” dos tutores. Ainda assim, poderá suscitar algum debate sobre as diferentes formas de perceber a nossa vinculação aos Grupos e o pertencimento ao Programa.

Por ocasião da reunião dos tutores presentes ao XIX ENAPET realizado em Santa Maria (2014) foi possível identificar argumentos bastante controversos sobre os ingredientes que constituiriam o vínculo tutorial. A meu ver, os principais depoimentos indicaram a existência de quatro percepções predominantes, a saber: a) o vínculo tutorial percebido como um *encargo didático*; b) como um *cargo de confiança*; c) como um *espaço de militância* e, d) como uma *missão acadêmica*.

Na primeira perspectiva, a tutoria de um Grupo PET é percebida como (mais) um encargo atribuído a um docente como parte do seu plano individual de trabalho. Supõe a existência de um nicho de interesses por determinadas atividades e a distribuição desses encargos pelos membros na Unidade Acadêmica (Departamento, Instituto, Faculdade, etc.). Trata-se, portanto, de uma decisão tomada no âmbito dos docentes, atendendo aos critérios de disponibilidade, interesse, carga de trabalho, etc. Sob essa perspectiva, o encargo de tutor poderá ser atribuído reiteradamente ao mesmo docente, ou a outro que se dispuser a assumi-lo, desde que conte com a anuência dos pares e o referendado do respectivo colegiado. Sob essa perspectiva, um tutor adequado será aquele que desenvolver com dedicação e competência a mais esse encargo didático.

A percepção da tutoria como um *cargo* ou *indicação de confiança* envolve alguns ingredientes da perspectiva anterior, porém vai além dela. Não a considera apenas uma atribuição de encargos, mas um *pleito* que supõe o *aval* dos pares, a *designação* de instâncias superiores e o *reconhecimento* dos docentes e discentes que participam do Grupo (bolsistas, colaboradores, pró-reitoria). A permanência do tutor no “cargo” ou a sua substituição resultarão da conjugação de diferentes forças e interesses dos docentes, dos discentes e das chefias ou direções imediatas. Será considerado um tutor adequado aquele que propiciar uma boa articulação entre os membros dos Grupos e os demais atores acadêmicos e se envolver com outras funções no Programa, especialmente na representação local e nos encontros regionais.

A tutoria tida como um *espaço de militância* concebe a história do PET como a de um *Movimento*, como uma *bandeira de luta* e uma instância de fortalecimento de diferentes políticas (estudantil, sindical, partidária, etc.). O vínculo do tutor ao Programa (ou Movimento?) reveste-se de um significado estratégico na medida em que viabiliza a participação do tutor em diferentes espaços de atuação acadêmica e política em âmbito local, regional e nacional. A sua permanência no Grupo estará diretamente relacionada à manutenção da liderança no Grupo e entre os demais tutores da Instituição. Sob essa perspectiva, um tutor adequado será aquele que enseja o engajamento do Grupo nas diferentes frentes de apoio, oposição ou proposição, especialmente daquelas relacionadas ao meio acadêmico.

Por fim, a percepção da tutoria tida como uma *missão acadêmica* abarca um conjunto de argumentos (e de sentimentos) relacionados ao papel educativo e formador

do PET. Supõe o estabelecimento de vínculos pessoais e profissionais dos tutores com os respectivos Grupos, com os demais Grupos e com todo o Programa. Valoriza o *compromisso* com o crescimento (aprimoramento) pessoal e intelectual dos *petianos* e deles espera um desempenho compatível com os recursos investidos. O vínculo do tutor com o grupo e com o Programa é quase um sacerdócio, um projeto de vida que não esmaece ante aos percalços e agruras. Uma eventual substituição das atividades de tutoria representaria a destituição do seu projeto de vida acadêmica (e pessoal) e poderia ensejar até uma eventual aposentadoria (precoce ou não).

Feito esse breve esboço, é possível propor a título de síntese, que as diferentes formas de perceber o vínculo dos tutores com os seus grupos e com o Programa não expressam conflitos insolúveis. Ao contrário, retratam o esforço de perceber a natureza holística do trabalho tutorial em suas múltiplas dimensões: o convívio interpessoal, o envolvimento e a competência profissional e o engajamento político. E isso já é um bom começo para quem pretende construir novos conceitos e novos consensos.

Para concluir esse tópico que trata da perspectiva dos tutores, julgamos oportuno destacar também como alguns estudantes percebem o seu vínculo com o Programa. Destaco, abaixo, um depoimento primoroso extraído da autoavaliação de formandos de Pedagogia do Grupo PET-Educação. Vamos a ele:

Para nós, a primeira oportunidade acadêmica na universidade foi ingressar no PET. Com ela vieram outras: apresentar trabalhos em eventos científicos; coordenar grupos de estudo; participar de pesquisa e extensão em comunidades ribeirinhas; aprender uma segunda língua; utilizar recursos da informática; viajar para outros estados... O PET possibilita de fato a formação profissional, científica, política e o convívio com as diferenças. Exige que sejamos críticos, criativos, líderes, autônomos, generosos e dispostos a compartilhar com os colegas e com os outros Grupos PET. Os Grupos anteriores lutaram muito e hoje temos um local de estudo adequado e equipado. Contamos também com o apoio da direção do Instituto de Educação e do Colegiado de Curso. Consideramos o PET um Programa excelente tanto para quem pretende atuar no mercado de trabalho quanto para quem quer continuar a carreira acadêmica.

3. Fatos marcantes e lições aprendidas

Dentre as muitas lições aprendidas na tutoria do Grupo PET-Educação da Universidade Federal de Mato Grosso certamente, a que mereceu maior destaque, até aqui, foi o exercício de conviver com a diversidade de pessoas. Viver a diferença sem tratá-la como desigualdade é um desafio que vai muito além de um ‘direito’ ou da atitude de tolerância ou solidariedade com determinados segmentos sociais ou individualidades específicas. Respeitar a diferença é considerá-la como um valor, como dádiva, como matéria prima que potencializa o surgimento do novo. Participar de um Grupo de treze pessoas com idades, experiências, credos, perfis, gêneros, origens,

ritmos, signos, vínculos, enfim *vidas diferentes*, exige muita disposição, paciência e compromisso, mas, de outra parte, oportuniza um aprendizado ímpar, raramente possível em outras iniciativas similares como o PIBIC, PIBID, VIC etc.

A segunda lição que gostaria de destacar diz respeito à natureza das relações predominantes nos Grupos PET. A vida acadêmica, via de regra, tem-se pautado pelo estabelecimento e manutenção de relações assimétricas entre seus membros. É comum o distanciamento hierárquico entre docentes e discentes; líderes e liderados; orientadores e orientandos; concursados e estagiários e assim por diante. O *modus operandi* do PET é bastante diferenciado. As relações estabelecidas priorizam o diálogo qualificado; o ouvir e o argumentar; a maturação das temporalidades. Se lá, a natureza das relações entre os atores é de tolerância ou de solidariedade com os ‘aprendizes’, aqui é de frutificação dos múltiplos protagonismos. Mais do que *bolsistas incluídos de forma esporádica e periférica* em diferentes programas, os membros do PET são *graduandos vinculados de forma permanente e qualificada* ao Programa de Educação Tutorial. Os membros do PET constituem o Programa e não apenas participam dele.

Um terceiro aspecto a ser considerado trata do alcance e da abrangência das ações. Nesse particular o Programa PET talvez seja o único Programa de Graduação que implementam de fato a ‘*triade acadêmica*’ nos moldes idealizados pelas Universidades. Desde a sua concepção e até nos documentos constitutivos atuais, o Programa propõe o desenvolvimento de iniciativas de formação extracurricular, de pesquisa e de extensão a todos os tutores e acadêmicos enquanto estiverem vinculados aos respectivos Grupos. Essa perspectiva holística, potencializa a aprendizagem e o vínculo com a pesquisa e a extensão, de modo mais permanente e duradouro e não apenas como um evento temporário e passageiro. A realização da triada acadêmica é o modo prioritário de ação do PET.

Outro âmbito da formação dos membros do PET, abarca o aprendizado das rotinas exigidas no meio institucional e profissional. Embora possa parecer de alcance secundário, o aprendizado do diálogo qualificado com os pares, o atendimento prestativo às pessoas, a competência para coordenar uma reunião de trabalho, a elaboração de documentos formais e seus respectivos despachos etc. são aprendizados necessários para o meio acadêmico e para o atendimento ao público.

Por fim, um destaque para o potencial de mudanças que podem derivar do Programa. Já é conhecido o potencial positivo advindo da presença de estudantes bolsistas nos Cursos de Graduação, quer em termos de ampliação das condições de estudo, quer pela proximidade e vivência com o meio acadêmico. Tal potencial é bastante ampliado com a presença de petianos no Curso, uma vez que estimula a participação ativa das aulas, a produção de trabalhos com qualidade, o exercício da responsabilidade individual e coletiva, o estímulo às lideranças, o apoio às organizações estudantis, o respeito às diferenças, enfim, a construção de um ambiente de estudo com alegria, satisfação e engajamento.

4. Conclusão

Para realizarmos mais amplamente os propósitos do PET, precisamos ainda do apoio de uma ampla rede de aliados internos e externos. Eles são indispensáveis para a consecução dos nossos objetivos. Aliás, ampliar alianças faz parte da liturgia de qualquer Programa do meio acadêmico que se pretenda vitorioso. Mas isso apenas não basta. Nossa maior força deve vir dos nossos quadros. Somos nós que inflamamos ou não os nossos projetos; somos nós que devemos produzir trabalhos científicos, debates acadêmicos, articulações políticas, chamegos, conflitos e abraços de paz. Os petianos devem viver e replicar uma nova forma de pertencimento - vivo e compromissado! Só ele pode nos encantar, porque nasce e se expressa na ousadia dos nossos propósitos! Ademais, só ele nos conferirá o tratamento adequado no Curso de Pedagogia, nas instâncias da UFMT e nas políticas do MEC.

Por fim um convite aos membros dos Grupos PET: Você já foi a um Encontro Nacional do PET? *Não? Então vá!...*

Estamos na era virtual e nos enredamos numa teia de comunicação rápida e eficiente (?) cuja lógica difere sobremaneira das formas utilizadas historicamente. Esse arsenal midiático é encantador e se pretende um elixir para todos os males, especialmente daqueles relacionados à falta de oportunidades de participação e de acesso às informações. Foi na esteira desses argumentos que no ENAPET de Santa Maria (2014), chegou-se a propor que o processo eleitoral para a Comissão Executiva Nacional do PET fosse realizado por meio virtual. Inicialmente, a ideia pareceu interessante, afinal, tantos colegas haviam deixado de participar por falta de recursos ou de outras condições. Mas não se iludam: nada se compara ao aprendizado propiciado pelo convívio nos encontros regionais e nacional dos petianos. Se os Projetos dos Grupos PET são suas âncoras, os encontros regionais e nacional são as velas que impulsionam o Programa para novos desafios. Portanto, continuemos a utilizar os chats, mails, *face*, groups e tudo o que a virtualidade nos oferece, mas não deixemos de estar presente nos eventos que ocorrem no estado e no país. É lá que a ‘chapa esquenta’; é lá que se vive a experiência mais íntima do pertencimento.

Portanto, fica combinado: Se souber de algum evento importante: Participe!

Quem sabe, nos vemos por lá!